

Bruno Vieira Amaral (2013). *Guia para 50 Personagens da Ficção Portuguesa*. Lisboa: Editora Guerra e Paz.

Nos últimos tempos, tem-se assistido no mundo dos estudos literários a uma revalorização da personagem enquanto categoria da narrativa. No texto a que deu o sugestivo título “Morte e ressurreição da personagem”¹, Carlos Reis (2013) analisou o percurso daquela categoria nas últimas décadas, afirmando que os teóricos estruturalistas ignoraram a sua importância, fazendo-a sucumbir sob o peso do seu modelo de análise e os esquemas actanciais de Greimas esvaziaram-na de qualquer densidade psicológica e, nessa época, segundo Reis, “[...]o autor foi morto e levou consigo, para a cova que lhe abriram, a personagem [...]” (*ibid.*) e nem Genette a conseguiu reanimar... Apenas a abertura dos estudos narrativos às solicitações e fundamentos epistemológicos de áreas tão diversas como a retórica, as ciências cognitivas, os estudos femininos, os estudos culturais e os estudos mediáticos, permitiu voltar a conferir à personagem a importância que ela, indiscutivelmente, tem no fenómeno narrativo. O “ressurgimento” da personagem nas lides dos estudos literários em Portugal e no estrangeiro manifesta-se de várias formas: através da publicação de estudos teóricos de autores como o que tenho vindo a citar ou J. Eder, F. Jannidis e R. Schneider;

¹ Publicado em www.figurasdaficcao.wordpress.com a 29 de outubro de 2013

como tema de projetos de investigação académica e de colóquios e congressos internacionais e até através da criação de blogues centrados nesta temática².

Penso que podemos perceber neste contexto a recente publicação do *Guia para 50 personagens da ficção portuguesa* de Bruno Vieira Amaral, publicado pela editora Guerra e Paz, em abril do corrente ano (2013). Na introdução, o autor inscreve a sua obra na fileira de outros livros: *O Livro dos Seres Imaginários* de Jorge Luis Borges e Margarida Guerrero e o *Dicionário dos Lugares Imaginários* de Alberto Manguel e Gianni Guadalupi (traduzido e editado em Portugal já depois do *Guia*...). O primeiro, publicado em 1957 com o título *Manual de Zoologia Fantástica*, é uma galeria, organizada alfabeticamente, de cento e dezasseis animais fantásticos pertencentes a antigas mitologias e religiões. O segundo, com a mesma organização alfabética, contém a descrição de mil e duzentos lugares imaginários, que vão desde a Atlântida a Xanadu, passando pelo Castelo de Kafka e pelo País das Maravilhas. Um atlas e uma enciclopédia animal, mas de lugares e animais... imaginários. O ponto de contacto entre estas duas obras e a de que me ocupo é o facto de as três tratarem do mundo irreal, ocupando-se Bruno Vieira Amaral de “pessoas imaginárias”, como ele próprio diz. E, embora o autor intitule a sua obra de “guia”, não será abuso dizer que se trata de uma espécie de dicionário de personagens da ficção portuguesa dos últimos 170 anos³.

No âmbito dos estudos literários, existe uma tradição de elaboração de dicionários, que vão alargando ou restringindo o seu campo de enfoque. Desde os mais genéricos *dicionários de literatura*, passando pelos *dicionários de autores* e *de narratologia*, até aos mais específicos dicionários respeitantes a um período literário⁴, a um autor (como Eça de Queirós ou Camilo Castelo Branco) ou das suas personagens. Neste último caso, e atendendo à literatura portuguesa, sobre as personagens de Eça, por exemplo, existem, pelo menos, três dicionários⁵ e sobre as personagens de Camilo, contamos com a publicação coordenada por Maria de Lourdes Ferraz⁶.

² Como é o caso de <http://figurasdaficcao.wordpress.com>.

³ A personagem mais antiga é Eurico, do romance homónimo de Alexandre Herculano, publicado em 1844 (e não Joanhina das *Viagens na Minha Terra*, como o autor indica na nota de rodapé da p. 21, que só foi publicado por Garrett dois anos depois), e a mais recente pertence ao romance *O retorno* de Dulce Maria Cardoso, de 2011.

⁴ *Dicionário do Romantismo Literário Português*, de Helena Carvalhão Buescu (coord.) (Lisboa: Caminho, 1997).

⁵ *Eça de Queiroz: dicionário biográfico das suas personagens*, de Albano Pereira Catton (s.l.: Dorsoi, 1970); *Dicionário de tipos e personagens de Eça de Queiroz*, de Paulo de Medeiros e Albuquerque (São Paulo: Mundo Musical, 1977) e *Dicionário das personagens de Eça de Queirós*, de Francisco Santana e Maria Ilda Leitão (Lisboa: O Livro, 1987).

⁶ *Dicionário de Personagens da Novela Camiliana* (Lisboa: Caminho, 2002).

O Guia para 50 Personagens da Ficção Portuguesa de Bruno Vieira Amaral é, por isso, uma inovação. O autor não subordinou a sua seleção a nenhum dos critérios referidos, mas sim, e nas suas próprias palavras, a “questões de preferência pessoal, que foram soberanas”⁷. Na verdade, as personagens selecionadas atravessam séculos e pertencem à galeria criativa de mais de quarenta autores diferentes, que vão dos clássicos Herculano, Garrett, Eça ou Camilo até aos contemporâneos Lúcia Jorge, Fernando Dacosta ou Miguel Sousa Tavares. Uma amostra demasiado vasta e heterogénea para nela encontrarmos qualquer critério periodístico de seleção. No guia marcam presença românticos e ultrarromânticos, realistas, modernistas, neorrealistas e muitos outros que, pela sua diversidade, não constituem escola. Mas, apesar de uma tão grande variedade, poderá o autor afirmar que o seu livro constitui “uma breve história da literatura portuguesa”? Talvez nem tanto...

Seja como for, qualquer seleção obedece a um princípio, a um critério, que a norteia e o autor informa-nos que, para além de razões de gosto e simpatia pessoal, se preocupou que as personagens escolhidas fossem variadas, no sentido de representarem diferentes tipos, características ou perfis. A sua organização no livro obedece, aliás, a este critério porque se evitou a organização cronológica ou alfabética, colocando-se, por exemplo, a criada Juliana d’ *O Primo Basílio* de Eça (1878) entre uma personagem que viu a luz do dia em 2011 e outra que apareceu pela mão de Miguel Real em 2009. O critério do seu posicionamento foi exatamente partilharem semelhanças do seu percurso ou da sua personalidade. Esses pontos de contacto constituem, sem sombra de dúvida, um dos aspetos mais interessantes desta obra, na medida em que o leitor vai saltitando entre personagens, obras, autores, estilos e épocas muito diversos, descortinando interessantes pontes de contacto entre personagens. É assim, por exemplo, que na “categoria” das personagens “cuja essência é instável”, encontramos uma personagem de Marcello Mathias (Pablo La Noche) e outra de José Cardoso Pires (Alexandra Alpha). Mas, para além disso, Bruno Vieira Amaral foi ainda mais longe porque as relações entre personagens não se limitam às semelhanças dos seus caracteres. Foi intenção do autor – e bem conseguida, do meu ponto de vista, mostrar, por exemplo, o contraste de personagens ou a evolução de tipos. E é nesse sentido que apresenta, a propósito da evolução das personagens femininas, “o abismo literário e social que separa Jenny Whitestone de Alexandra Alpha, Joanhina de Maria Alfreda”, ilustrando com personagens de Almeida Garrett (1846) e Júlio Dinis (1868), por um lado, e José Cardoso

⁷ Bruno Vieira Amaral (2013). *Guia para 50 Personagens da Ficção Portuguesa*. Lisboa: Guerra e Paz, 21 (nota de rodapé 2).

Pires (1987) e Mário de Carvalho (2008), por outro, a enorme evolução do papel da mulher nos últimos 150 anos. Esta perspetiva, condicionada já por um enfoque mais histórico e sociológico do que literário (ao qual não será alheia a formação do autor que é licenciado em História Moderna e Contemporânea), está ainda na base da seleção de personagens que se irmanam na forma de lidar com o peso da sua condição social, surgindo, segundo a categorização do autor, os ambiciosos (a Ministra, Juliana e Mizé), os empreendedores (Benito Prada e Quina), os ideólogos (Ceifeito Rebelde) e os obstinados (Nuno Miguel Botelho e Pablo La Noche).

Temendo que o leitor não faça as associações convenientes, por vezes, é o próprio autor que nos remete para outra entrada, como se de remissões enciclopédicas ou links eletrónicos se tratasse. Essas ligações contribuem para a unidade da obra e evidenciam o propósito do autor. Tal acontece, por exemplo, entre Juliana, de Eça de Queirós e a Ministra, de Miguel Real, ambas filhas de um pai homicida; entre Blimunda, de Saramago e a sua “irmã espiritual” Lillias Fraser, de Hélia Correia; ou entre Alor, de Pedro Rosa Mendes e Viriato, de João de Aguiar, com quem é antonimicamente comparado. Percebemos assim que dos três tipos de questões em que se pode inscrever a análise e interpretação da personagem, preconizados por J. Eder, Bruno Vieira Amaral privilegiou a sua interpretação, ou seja, a forma como as personagens podem ser entendidas, interpretadas e experienciadas e a sua significação cultural e social, considerando-as como signos num determinado contexto histórico e sociocultural⁸.

Se é certo que um grande número das personagens escolhidas coincide com os protagonistas das respetivas narrativas, o fito da seleção justificou, nalguns casos, que a escolha recaísse sobre outra personagem que, apesar de importante para o desenrolar da ação, não pode ser considerada personagem principal. É o que acontece, por exemplo, com Juliana d’*O Primo Basílio* e com João da Ega d’*Os Maias*. Nestes casos, a riqueza e a densidade psicológica destas personagens sobrepôs-se aos “tipos” representados por Basílio, Luísa ou Carlos da Maia. Para além disso, por acreditar que “o caso particular repercute o drama geral”, o autor tentou ainda que o leitor contactasse com diferentes realidades da História de Portugal, sobretudo dos tempos mais recentes (o regicídio, a implantação da República, as Guerras Mundiais, o Estado Novo, a Guerra Colonial, o 25 de abril, e a muito mais recente entrada na União Europeia), não esquecendo, contudo, os heroicos e

⁸ J. Eder et alii, eds. (2010). *Characters in Fictional Worlds. Understanding Imaginary Beings in Literature, Film, and Other Media*, Berlin, Walter de Gruyter.

longínquos séculos de Viriato e Eurico ou os esplendores setecentistas de que Baltasar e Blimunda foram testemunhas.

Quanto à organização do livro, a propósito de cada personagem, recorrendo a uma extraordinária capacidade de síntese, o autor traça o esboço da sua personalidade e resume o seu percurso, evitando (quase sempre) as categorizações teóricas pouco significativas para o público em geral – até porque “Um livro destes não se destina especificamente a académicos, a investigadores ou a estudantes”. Não há uma “ficha” individual a preencher nem o autor cai na tentação de apresentar um retrato exaustivo. Faz o esboço apenas com os traços principais, deixando espaço para que o leitor, atraído pela personagem, a procure no livro original e a tente conhecer melhor, completando o seu retrato. Penso que é nesse sentido que este livro é um “guia” e não um “dicionário”. Pistas e não caso encerrado. Cada uma das entradas termina com a seleção de um excerto da obra que tem como função servir de aperitivo e reforçar o convite à leitura.

Os rótulos com que as personagens são identificadas têm muito mais a ver com as suas características particulares do que com qualquer outra classificação. O autor fala de “personagens-balanço” ou de “mulheres antes quebrar que torcer” e, ao ler as entradas das personagens que integram essa categoria, percebemos muito bem a razão de ser desses epítetos. Por vezes, a riqueza da personagem faz com que nos questionemos se ela não ficaria melhor noutra galeria, mas nesses casos já são condicionantes pessoais a influenciar a leitura e a privilegiar aspetos que cada um de nós valoriza mais do que outros.

Da conjugação destas várias características surge o “caleidoscópio de vidas” – como lhe chama o autor, constituído por “personagens que ficaram, que partiram, que retornaram; pobres e privilegiados; gente do campo que vem para a cidade, gente que foge da cidade para o campo; personagens que se perdem nas grandes urbes e personagens que aí se redescobrem; homens que se matam por amor e mulheres que casam por interesse; gente que corre o mundo e gente que não sai do mesmo lugar” (Amaral, 2013: 22). Dicotomias que, na sua conjugação, traduzem a complexidade da realidade e da natureza humana, até porque, como o autor lembra, “as grandes personagens de ficção são mais reais do que nós”. Esse jogo de descoberta de continuidades e ruturas, semelhanças e diferenças entre personagens prolonga ainda mais o prazer da leitura, abre horizontes relativamente à leitura que fazemos de cada livro e permite ter uma visão muito mais vasta da literatura portuguesa. Três boas razões para ler este livro.

Erik Van Achter

KU Leuven, Bélgica – CLP, Universidade de Coimbra